



linhas e pixels

Dicas práticas sobre TVs, telas e projetores

POR PAULO SÉRGIO CORREIA
psergio@hometheater.com.br

A hora do plasma

Na última Infocomm, realizada em junho em Las Vegas, pudemos ver de perto a nova geração de displays de plasma que agora está chegando ao mercado internacional e tornando-se acessível aos consumidores. Embora seja um evento voltado para a área corporativa, é evidente que muitas das soluções ali apresentadas servem também para o segmento doméstico – até porque, em áudio e vídeo, os dois setores freqüentemente caminham lado a lado.

Fui um dos que criticaram os plasmas quando apareceram, há cerca de cinco anos, e cheguei a duvidar de que essa tecnologia evoluísse a ponto de conquistar espaço nas residências. Lembro de uma Infocomm em que vários especialistas, comparando telas de plasma com outros tipos de projeção, chegaram a comentar que jamais esses displays chegariam perto, por exemplo, da tecnologia de tubo CRT. Aliás, a Infocomm é um bom evento porque, entre outras coisas, apresenta o já tradicional "shootout", uma comparação lado a lado dos equipamentos. Pode-se examinar em detalhes diversos modelos de plasma exibindo as mesmas imagens, numa sala onde também são mostrados projetores de vários tipos. Um salão escuro, em que os aparelhos permanecem ligados o dia inteiro e, portanto, sujeitos à degradação natural que acontece na imagem projetada (nem sempre o que se vê de manhã é igual ao que se vê à tarde, e vice-versa; esse, por sinal, é o grande desafio dos fabricantes: mostrar que seus aparelhos são resistentes o suficiente para não sofrer queda de qualidade com o uso contínuo).

Mas, voltando ao plasma, as primeiras impressões desfavoráveis vão desaparecendo à medida que novas gerações de produtos surgem no mercado. Hoje, já não é apenas a Fujitsu, criadora do sistema, a única a desenvolver displays de plasma. Outras grandes indústrias – como Sony, NEC e Panasonic – estão também na linha de frente dessa tecnologia. Naqueles primeiros anos, só existiam telas de 42"; hoje, já podemos

ver modelos com até 60" e, portanto, mais adequados a grandes ambientes.

A tecnologia do plasma alia a ótima qualidade de imagem obtida pelos fósforos do CRT com a endereçabilidade digital de informações do LCD e do DLP. O plasma produz imagens a partir de uma mistura química extremamente refinada, que reage a impulsos elétricos, aplicados a eletrodos endereçáveis. Graças a isso, não há necessidade de grandes gabinetes para acomodar circuitos de deflexão e varredura que comandam feixes de elétrons, como nos tubos que equipam os aparelhos CRT.

Chips especialmente desenvolvidos comandam a ação dos componentes químicos que vão formar a imagem. O gabinete pode ser

estrito, ocupando um mínimo de espaço na sala, e esteticamente o plasma representa, sem dúvida, uma ótima solução. Até há pouco tempo, a imagem dos plasmas não tinha bom contraste, pelo menos não o suficiente para que se pudesse assistir, por exemplo, a um daqueles filmes centenas escuras em que, às vezes, é difícil identificar o rosto do ator. Porém, já existem no mercado modelos mais recentes em que a relação de contraste e resolução é muito satisfatória. Com certeza, essa tecnologia ainda vai evoluir muito do ponto de vista técnico.

A taxa de brilho no plasma é excelente, e é por isso que os displays vêm sendo cada vez mais usados em painéis comerciais, salas de espera em aeroportos etc. Em home theater, porém, o que conta mais é a resolução, e nesse ponto o plasma às vezes parecia um pouco artificial, sem aquele realismo do cinema.

Mas, como disse, os displays de plasma deverão ser aperfeiçoados nos próximos anos e, quem sabe, aproximar-se da qualidade dos projetores. Seria bom também que os preços caíssem a níveis mais próximos da nossa realidade. Ou talvez essa tecnologia seja mesmo destinada a um segmento elitizado do mercado. Só o tempo dirá. ■

**Aliando ótima
qualidade de
imagem e pouco
espaço, o mercado
já oferece
modelos com até
60" e, portanto,
mais adequados
a grandes
ambientes.**





